O RITO ANGLICANO

Por que um Rito Anglicano na Igreja Católica? É uma questão que requer alguma reflexão, se a posição tradicional da Igreja Católica – que a Igreja da Inglaterra é uma entidade Protestante Reformada em suas origens e em sua natureza profunda, embora com uma tendência catolicizante desde seus primórdios – for levada ao pé da letra no que se refere ao status do Anglicanismo, como eu acredito. (Não proponho aqui resolver o problema das ordenações anglicanas nem a fascinante questão do efeito possível da participação de bispos Velhos Católicos nas consagrações episcopais anglicanas desde 1932 – salvo para notar que essa infusão de Velhos Católicos sustentou a decisão da Santa Sé de permitir a ordenação sob condição de Graham Leonard em 1994, ex-bispo de Londres na Igreja da Inglaterra). Não se pode esperar que os católicos ortodoxos nutram projetos para um “Rito Batista”, um “Rito Presbiteriano” ou mesmo um “Rito Luterano”, apesar da existência entre os luteranos de aqueles que se qualificam como "católicos evangélicos", então, por que haveria um Rito Anglicano? Acredito que a razão se encontra em algum lugar nessas linhas.

No momento da Reforma, a maioria das entidades protestantes produziu crenças que, em pontos-chave, divergiam e rejeitavam os ensinamentos da Igreja Católica sobre diversos assuntos, e, ao mesmo tempo, alterava a fé, a estrutura ministerial e a economia sacramental de seus grupos, resultando em algo incompatível com o Catolicismo. A maioria das entidades protestantes rejeitou completamente a Ordem Episcopal, por exemplo, ou, quando o título de "bispo" era mantido, ele correspondia a uma função puramente administrativa. (Mesmo no caso da Igreja da Suécia, a única entidade luterana que afirma ter preservado a sucessão apostólica durante o período da Reforma, as declarações confessionais dessa igreja, seus rituais de ordenação e a natureza das relações passadas ou presentes com outras igrejas mostram claramente que isso não tem grande significado e que os bispos não são de forma alguma necessários para uma "verdadeira igreja"). As entidades protestantes, mesmo que pudessem ser “alta igreja” em alguns aspectos, em última análise, se forem fiéis às suas convicções históricas, apelam para práticas e crenças da Igreja dos Pais na medida em que sejam compatíveis com seus documentos confessionais clássicos da Reforma. A Igreja da Inglaterra, em contraste, manteve uma ambiguidade estudada sobre, por exemplo, a atitude e a necessidade dos bispos ao longo da época da Reforma, e sua única declaração de doutrina, os Trinta e Nove Artigos, embora claramente protestante em certos aspectos, evitava completamente outros pontos e deixava “lacunas” que poderiam permitir interpretações mais ou menos "católicas", embora muitas vezes com dificuldade e de forma pouco crédula.

Além disso, desde os primórdios do reinado de Elizabeth I, muitos protestantes da Igreja da Inglaterra, irritados com o que consideravam a falta de clareza de seu Protestantismo e a tolerância em relação às visões católicas, começaram a responsabilizar os bispos e sustentaram, consequentemente, que os bispos deveriam ser abolidos. Os protestantes que desejavam proteger os bispos logo começaram a recorrer à prática da Igreja dos primeiros cinco séculos e ao ensino dos Pais da Igreja para defender sua legitimidade, e muito em breve essas pessoas e aquelas que

as seguiam passaram a ver a Igreja dos primeiros tempos e seus Pais como possuindo uma autoridade muito maior do que os calvinistas e luteranos queriam conceder. Assim começou o "apelo anglicano à Tradição", como Eric Mascall me sugeriu. Enquanto os luteranos e outros protestantes apelam para sua própria tradição, a tradição luterana, por exemplo, e apenas cautelosamente para a Tradição com um “T” maiúsculo, o “apelo anglicano à Tradição” não é um “apelo à Tradição Anglicana”, mas à daquela dos primeiros tempos da Igreja. Agora, dado, por um lado, o caráter sumário das fórmulas doutrinárias anglicanas, como os Trinta e Nove Artigos, e, por outro lado, a tendência de teólogos anglicanos, pelo menos alguns deles, de apelar para o ensino da Igreja dos Pais, não levou muito tempo para que alguns desses teólogos começassem a criticar ou questionar certos aspectos do pensamento protestante ou, por dizer que se uma parte ou a maioria dos protagonistas da Reforma Inglesa (como o Arcebispo Cranmer) eram claramente protestantes, suas próprias "opiniões" não coincidiam com as doutrinas da Igreja da Inglaterra. Em outras palavras, tornou-se possível para pensadores anglicanos rejeitar muitos aspectos do pensamento protestante comum com base no que a Igreja dos Pais pensava e praticava, sem se considerarem “maus anglicanos” ou “católicos romanos disfarçados”, enquanto permaneciam semelhantes a outros protestantes e a muitos outros anglicanos também. Assim, tornou-se possível sustentar que a Igreja da Inglaterra possuía o melhor dos dois mundos, alinhando-se aos protestantes em sua crítica à papado e a algumas outras crenças católicas, afirmando ao mesmo tempo que apenas os anglicanos conservaram uma compreensão adequada da estrutura da Igreja, que era mais próxima daquela dos católicos e dos ortodoxos.

Com os Tractarianos do século XIX e a ascensão do Anglo-Catolicismo, tornou-se possível para alguns anglicanos acreditar que o Protestantismo estava errado na maioria ou até mesmo na totalidade dos aspectos, e que os anglicanos rejeitavam ou deveriam rejeitar as crenças protestantes que viam as igrejas anglicanas como “igrejas católicas” semelhantes às igrejas católicas e ortodoxas, diferindo apenas em questões menores – e tornou-se possível para os anglicanos que seguirem este caminho viver vidas religiosas baseadas em um sentimento católico da cristandade, da Igreja e dos sacramentos (evidentemente, nem sempre de forma fácil). A questão não é saber se sua visão sobre a Reforma Inglesa ou a história anglicana estava correta, mas que eles eram capazes de acreditar nisso e de escapar, na maior parte, desde cerca de 1850, para moldar sua vida religiosa, seu culto e suas orações baseando-se na certeza de serem católicos, não protestantes, e que se a Igreja Anglicana deixasse de ser compatível com sua fé católica, ou mostrasse um rejeição à ortodoxia católica, eles não deveriam nenhuma lealdade a ela e estariam, de fato, obrigados a deixá-la.

Embora a Igreja Católica e os católicos em geral tenham demonstrado um desprezo desdenhoso pelas reivindicações sobre a natureza “essencialmente católica” do anglicanismo desde as origens do Anglo-Catolicismo por volta de 1840 (descrevendo frequentemente os anglo-católicos como “protestantes adornados”), os mais razoáveis entre eles frequentemente reconheceram que, em termos de crenças professadas e práticas, muitos, senão a maioria dos anglo-católicos, viviam de acordo com o que a Igreja Católica pensava e acreditava, a tal ponto que com os primeiros sinais de abertura do catolicismo ao ecumenismo após a Segunda Guerra Mundial, muitos católicos mostraram ao menos um certo grau de boa vontade para revisar sua atitude em relação ao anglicanismo, apenas para ver seus suspeitos sobre o "anglo-catolicismo" confirmados pelo que ocorreu na Igreja Episcopal, na Igreja da Inglaterra e em outros lugares a partir de 1970, como pela consciência de que havia tendências do pensamento anglicano que não eram de forma alguma

mais evidentemente "católicas" do que, digamos, o pensamento luterano ou metodista. Mas, ao lado disso, felizmente, a Igreja Católica foi capaz de reconhecer no anglo-catolicismo uma versão do anglicanismo que possuía uma autenticidade católica, mesmo que as igrejas anglicanas em si não pudessem ser reconhecidas como "católicas". Assim, o caminho estava aberto para que a Igreja Católica reconhecesse que não faltava muito à “forma católica” do anglo-catolicismo, e que se os anglicanos católicos estivessem preparados para entrar na Igreja Católica, confessar sua fé e aceitar sua autoridade, seria perfeitamente possível para ela aceitar uma expressão do catolicismo com um espírito anglicano, o Rito Anglicano.

Em razão das circunstâncias singulares da Reforma Inglesa, a Igreja da Inglaterra nunca foi capaz de se definir claramente e de forma inequívoca como protestante, e fez, em seguida, seu possível para adotar atitudes, crenças e práticas que se enraizavam em um solo hostil desde o início, e por vezes até mesmo prosperar, ou ao menos aparentar isso, mesmo que a aparência do Anglicanismo Católico frequentemente ocultasse uma abordagem mista, um pouco de incenso aqui, um pouco de controle de natalidade ali, uma bênção aqui, um divórcio e um "novo casamento" acolá, uma Missa Solene aqui, mas celebrada por uma sacerdotisa ali. Contudo, uma piedade e uma teologia nutridas pelo Movimento de Oxford e seus aderentes e “justificadas” pela reivindicação de uma origem que remontava a Lancelot Andrewes, William Laud, Jeremy Taylor, Thomas Ken e os Não Juradores, tomaram realmente uma forma e um conteúdo católicos concretos na vida da fé, e foram finalmente reconhecidas como tal, ao mesmo tempo que foram complementadas e realizadas por sua aceitação pela Igreja Católica e pela posição que encontraram em seu interior. *Passer invenit sibi domum, et turtur nidum, ubi ponat pullos suos: Altaria tua, Domine virtutum, Rex meus et Deus meus* - (Salmo 84:3).

Assim, as paróquias de Rito Anglicano estão posicionadas hoje na Igreja Católica da América de tal maneira que têm muito a oferecer dentro e fora da Igreja Católica e dentro e fora da Tradição Anglicana. Aos católicos, oferecem a realidade de uma liturgia em língua inglesa que é respeitosa e sagrada na tradição ocidental, uma realidade que é tanto obrigatoriamente católica em si mesma quanto oferece esperança e fornece um meio de reforma e renovação em meio a uma vasta bagunça litúrgica.

Considere as palavras severas que o Cardeal Newman escreveu em 1850 durante suas Dificuldades Anglicanas sobre a Igreja da Inglaterra, em relação ao que ele chamava de a ilusão romântica de sua natureza católica por parte dos anglo-católicos:

> “Assim como nos contos de fadas, o castelo mágico desaparece quando o encantamento é quebrado, e não se vê nada além da charneca selvagem, da rocha nua e do pasto abandonado, assim é conosco em relação à Igreja da Inglaterra, quando consideramos com espanto nossas crenças tão quiméricas, que encontramos tão banais ou sem valor”.

Isso pode ser demonstrado plenamente hoje se substituirmos “Igreja da Inglaterra” por “liturgia católica americana renovada”. O Rito Anglicano pode desempenhar seu papel ao encorajar uma “reforma da reforma”. A esse respeito, também, esses clérigos, e especialmente os bispos que

incentivam o desenvolvimento de comunidades de Rito Anglicano, e aqueles que se opõem a isso, revelam assim onde se posicionam, naquilo que Dom George Kelly qualificou de "batalha pela alma da Igreja Católica" na América. Para os estrangeiros impressionados pelo contraste aparente dentro do catolicismo, cujas reivindicações foram objeto de suas pesquisas e o que podem ter experimentado ao assistirem a missas sombrias ou durante conversas com clérigos complacentes, as paróquias de Rito Anglicano oferecem o testemunho de que não é necessário que assim seja. E se um cisma ameaça o catolicismo americano, as paróquias de Rito Anglicano podem desempenhar um papel inestimável ao testemunhar uma ortodoxia católica explícita e atraente.

Para os anglicanos, paróquias de Rito Anglicano robustas oferecem uma apropriação do melhor do patrimônio católico do anglicanismo, livre do que não é católico, assim como dessas disputas intermináveis e insolúveis sobre o que constitui a “ortodoxia anglicana”. Em sua maioria, no “anglicanismo oficial”, a ortodoxia anglicana, se é que existe, foi ou está se transformando em uma espécie de jogo de palavras dialético que justifica seguir cada vez mais os costumes e práticas da religiosidade liberal e do culto da realização pessoal, enquanto no “anglicanismo permanente” a questão sobre o que é a ortodoxia anglicana constitui a causa primária e eterna da divisão entre as diferentes jurisdições. É apenas no catolicismo de Rito Anglicano – e, para ser justo, em uma versão da “Ortodoxia de Rito Ocidental”, se ela vier e prosperar, o que parece pouco provável – que todo esse bom, verdadeiro e católico anglicanismo pode ser preservado em um contexto que transcende essas disputas.

Revision #3
Created 17 August 2024 03:17:58 by Admin
Updated 17 August 2024 23:49:26 by Admin